**Psicanálise e Educação**

**– Maria Cristina Kupfer –**

A realidade do inconsciente nos ensina que não temos controle total sobre o que dizemos e muito menos sobre os efeitos de nossas palavras sobre nosso ouvinte (ou sobre nosso leitor...). Não sabemos o que ele fará com aquelas ideias, a que outras as associará, que movimentos de desejo o farão gostar mais disso e menos daquilo. Falar sobre a hipótese do inconsciente a alguém poderá resultar – e isso é até provável – na rejeição da hipótese pelo ouvinte. Contudo, se acreditamos no inconsciente, temos que supor que essa transmissão poderá gerar efeitos no inconsciente do outro, ainda que não saibamos exatamente quais sejam.

(...) Por acreditar que o inconsciente introduz, em qualquer atividade humana, o imponderável, o imprevisto, o que se desvanece, o que nos escapa, não há como criar uma metodologia pedagógico-psicanalítica, pois qualquer metodologia implica ordem, estabilidade, previsibilidade.

Na análise, há, é claro, uma certa metodologia, uma teoria da técnica. Mas ela constitui, na verdade, um conjunto de condições para a emergência de manifestações do inconsciente. Há uma espécie de montagem propiciadora; no entanto, caso se pense de modo mais amplo, o psicanalista não tem controle sobre os efeitos que produz. Ele pode saber o que se passa, para onde deve dirigir uma cura, mas não sabe por quais caminhos o sujeito em análise acabará finalmente por enveredar.

Do mesmo modo, o educador inspirado por ideias psicanalíticas renuncia a uma atividade excessivamente programada, instituída, controlada com rigor obsessivo. Aprende que pode organizar seu saber, mas não tem controle sobre os efeitos que produz sobre seus alunos. Fica sabendo que pode ter uma noção, através de uma prova, por exemplo, daquilo que está sendo assimilado, naquele instante, pelo aluno. Mas não conhece as muitas repercussões inconscientes de sua presença e de seus ensinamentos. Pensar assim leva o professor a não dar tanta importância ao conteúdo daquilo que ensina, mas a passar a vê-lo como a ponta de um *iceberg* muito mais profundo, invisível aos seus olhos.

Pode-se dizer, por isso, que a Psicanálise pode transmitir ao educador (e não à Pedagogia, como um todo instituído) uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. Pode contribuir, em igualdade de condições com diversas outras disciplinas, como a Antropologia, ou a Filosofia, para formar seu pensamento. Cessa aí, no entanto, a atuação da Psicanálise. Nada mais se pode esperar dela, caso se queira ser coerente com aquilo de que se constitui essencialmente: a aventura freudiana.

Pode ser pouco, como certamente acharão alguns. Mas será muito caso se observe, com o auxílio da própria Psicanálise, o quanto é difícil, embora desejável, assumir uma posição de renúncia ao poder oferecido pelo “lugar” de professor – aquela posição que permite a alguém controlar os outros, no caso, os alunos.

Freud discorreu amplamente sobre esse poder de que são revestidos educadores e professores, e sobre a tentação de se abusar dele. Falou também que é desse poder que a Pedagogia extrai sua eficácia. Ela precisa reprimir para ensinar. (...)

O encontro entre o que foi ensinado e a subjetividade de cada um é que torna possível o pensamento renovado, a criação, a geração de novos conhecimentos. Esse mundo desejante, que habita diferentemente cada um de nós, estará sendo preservado cada vez que um professor renunciar ao controle, aos efeitos de seu poder sobre seus alunos. Estará preservado cada vez que um professor se dispuser a desocupar o lugar de poder em que um aluno o coloca necessariamente no início de uma relação pedagógica, sabendo que, se for atacado, nem por isso deverá reprimir tais manifestações agressivas. Ao contrário, saberá que estão em jogo forças que ele não conhece em profundidade, mas que são muito importantes para a superação do professor como figura de autoridade e indispensáveis para o surgimento do aluno como ser pensante. Matar o mestre para se tornar o mestre de si mesmo, esta é uma lição que, já vimos, pode ser extraída até mesmo da vida de Freud.

Talvez não se possa imaginar uma pedagogia organizada em torno de um princípio como esse, o do “assassinato” do mestre. Mas um educador esclarecido verá nessa ideia uma espécie de referência, que, se bem analisada e compreendida, poderá ser até mesmo libertadora, pois tira dos ombros do professor uma carga de controle excessiva e indesejável, embora acrescente outra: a de permanecer tranquilo, inteiro, consciente de seus poderes e limites, humilde e impotente frente à tarefa de ajudar outro ser humano a atingir seu mais radical compromisso com a vida: ser um indivíduo livre e produtivo. (...)

Da visão psicanalítica decorrem as seguintes posições:

Ao professor, guiado por seu desejo, cabe o esforço imenso de organizar, articular, tornar lógico seu campo de conhecimento e transmiti-lo a seus alunos.

A cada aluno cabe desarticular, retalhar, ingerir e digerir aqueles elementos transmitidos pelo professor, que se engancham em seu desejo, que fazem sentido para ele, que, pela via de transmissão única aberta entre ele e o professor – a via da transferência – encontram eco nas profundezas de sua existência de sujeito do inconsciente.

Se um professor souber aceitar essa “canibalização” feita sobre ele e seu saber (sem, contudo, renunciar às suas próprias certezas, já que é nelas que se encontra seu desejo), então estará contribuindo para uma relação de aprendizagem autêntica. Pela via de transferência, o aluno “passará” por ele, usá-lo-á, por assim dizer, saindo dali com um saber do qual tomou verdadeiramente posse e que constituirá a base e o fundamento para futuros saberes e conhecimentos.